

Gorki Mariano



Pedra Branca

Ao amor
25 anos de calor
Ao lado da flor

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA SEGUNDO GORKI MARIANO

Aprendi a desconfiar dos homens que se levam muito a sério. Sejam religiosos, quando se ocupam no seqüestro das coisas divinas, sejam políticos carcereiros da verdade, cujo objetivo é o de se perpetuarem no poder. E assim por diante. Miguel de Cervantes Saavedra, velho soldado alquebrado, ao escrever sobre um idoso maluco e seu amigo, construiu o maior tratado analítico sobre a dificuldade humana de interpretar a realidade. Há moinhos de ventos demais nesse mundo de meu Deus.

Gorki Mariano segue a mesma trilha iniciada por Benjamim Bley de Brito Neves. Ambos geólogos, cientistas, com trabalhos publicados em periódicos internacionais, escrevem também as suas impressões sobre o mundo, seus sonhos, decepções, livres do rigor das normas técnicas científicas, referências bibliográficas ou citações de terceiros. Gravam na pedra as lições aprendidas com a vida vivida, que além de ser muito perigosa, como já disseram, revela-se a cada pessoa sempre de uma forma diferente, assim, como feitiço de nigromante.

É dessa visão tão particular como autêntica, tão interior quanto epidérmica que nascem os versos de Gorki Mariano. Ali, ele nomeia as pedras ao seu modo. Ali, estabelece os pontos cardeais na geografia da mulher amada, lamenta-se no muro dos desenganos desse Brasil quixotesco, por vezes muito triste, mas que apesar de tudo, se move.

Escreve como carreira de menino, ladeira a baixo, no rumo do açude. Visceralmente sertanejo, com as marcas dos ferros no mourão do curral. Sertanejamente musical, na cadencia dos cantadores de feira, sob a inspiração do irreverente fantasma de Zé Limeira. Escreve aquilo que ele é, sem concessões, torrencialmente, como as águas de um janeiro bom.

Um homem fraterno e cordial que observa o mundo e se proclama vivo, indignado. Há muita coisa para ser compreendida no que escreve Gorki Mariano, menos a frieza sinistra dos detentores da verdade.

Triste do homem que não coincide com aquilo que ele cria. Vira um ventríloquo de si mesmo, malabarista de palavras ocas, sem substância. Quem lê PEDRA BRANCA, encontra mais do que o professor, doutor, cientista. Encontra um homem com valores e princípios claros. No dizer de João Cabral, “educado pela pedra”, a de rejeito, que embora ainda não tenha falado – como diz a profecia – pelo menos serve de alicerce.

Luis Manoel Siqueira
Março de 2006

A AGONIA DA ESPERANÇA	6
ACORDAR.....	7
ADEUS.....	8
AGORA É LULA.....	9
ÁGUA.....	10
AMIGO.....	11
AMOR	12
ANÚNCIO PARA SOLEDADE	13
PEDRA FURADA.....	15
ARVOREDO.....	16
BEIJO	17
BRASILIS	18
CALANGO DO SIGA	19
CARCARÁ & GAVIÃO.....	20
CATADOR DE LIXO.....	21
CIDADE AZUL	22
COLHEITA	23
DE VIDAS E ALEGRIAS	24
DOCE MAR	25
DORMES	26
ERA UMA VEZ... NATAL	27
ESPINHO & FLOR.....	28
EXISTIR.....	29
FELIZ CIDADE	30
FURTIVA.....	31
GEOLÓGICAS I	32
D. IGNEZ DE IDADE NOVA.....	33
INSTANTES	34
LIDA.....	35
LIMEIRIANAS	36
MADRI.....	40
MARIA E O TERREMOTO	41
NÃO	42
NAS RUAS DO RECIFE.....	43
O CORAÇÃO E O TEMPO.....	44
O DOMÍNIO DO HOMEM	45
PAI.....	46
PANEGYRICO	47
PARABÉNS D. BETH.....	51
PASSAGEM.....	52
PEDRA BRANCA	53
PERFUME.....	54
REFORMAR	55
RETORNO	56
SERTÃO.....	57
SIGA ARROMBA UFPE.....	58

SONHOS I.....	59
SONHOS II	60
SONHOS III	61
TATUAGEM.....	62
TRANSPOSIÇÃO.....	63
A VITÓRIA DA ESPERANÇA.....	64
VULCÃO	65
CARNAVAL.....	66
SÓ SERTÃO	67
REINO DAS PEDRAS.....	68
TRISTEZA	69
PORTO	70
O CRIADOR E A CRIATURA	71
GEMA RARA	72

A AGONIA DA ESPERANÇA

A esperança vestida de vermelho
Hoje parou para se ver no espelho
E não gostou da cara amassada
Das noites mal dormidas...
Falcatruas encontradas ao longo da estrada
Estava triste, só e dolorida

A esperança, bela mulher de outrora
Pra que vê-la? Não se reconhece agora
A flor que brilhava altaneira
Luz que subindo ladeira
Galgou o posto maior da nação
Hoje sofre, com razão

A esperança viu crianças de rua
Continuarem sem assistência... na rua
Escolas sem estrutura, sem recursos
O povo sem emprego e com medo
O cidadão domiciliado em prisão
A morte do ideal, enterro da ilusão

A bela mulher nascida do povo
Sentiu a tristeza da corrupção
Se espalhando como câncer
Comendo quase toda nação
Programas sem sentido
O povo, mais uma vez, ferido

A mulher que era bela, agoniza
Seu trágico destino preconiza
E morre jovem, qual poetisa
Que buscava a perfeita rima
Mas ainda teima... desatina
Esperando mudança precisa

A esperança ainda acredita
Que o Brasil pode mudar
E sair da triste sina... Severina
Retomando seu lugar
Investimento em educação
Dando um basta na corrupção

ACORDAR

Ao teu lado acordo
Às vezes cedo, concordo
Mas nunca tarde
Uma vez que arde
A sede de te amar
Cada manhã nova
Cada sabor da Rosa
Acordo pronto a provar
E graças ao acordar
Bebo teu riso matinal
Banhando de luz meu dia
Fazendo pleno e alegria
O simples ato de acordar
Para mais uma manhã
Para mais uma caminhada
Cujo destino e mirada
A incerteza e a beleza
Que deve estar escondida
Do lado direito
Da cortina da vida

ADEUS

Tu não iras ao pó somente
Teu espírito será o presente
De Deus para a eternidade
E tuas dores e saudades
Não serão esquecidas
E não será, também, tua partida
Tu ficarás como lembrança
Ou como palavras em livros
Como esperança... força e luz
Tu ganharas as asas de anjos
A sabedoria de arcanjos
Será adicionada à tua nova vida
O corpo físico, tísico, anuncia a partida
Para que reine o espírito pleno
E consigas dormir ao relento no sereno
Beijar uma rosa com sabor de pétalas e espinhos
Sentir os inomináveis carinhos
Do afago das gotas de orvalho
Assistir pores-de-sol, presentes da natureza
Aos que têm olhos para a beleza
Andar descalço, flutuar, levitar no espaço
A vida real só começa
Serás uma força maior em luz e energia
Uma razão para que cada manhã
Anuncie a chegada de um novo dia
Serás, finalmente, eterno

AGORA É LULA

Votando no voto certo
Acertei no voto errado
Estou perdido e lascado
Hoje estou vendo de perto
Que foi grande o meu engano
Votei num bicho do mar
Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

A economia vai bem
Tem ministro pra todo lado
Mas fico triste e calado
Vendo tanta gente sem vintém
Sem esperanças, ano após ano
Votei num bicho do mar
Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

O fome zero, perdão
Não resolve a situação
O povo quer trabalho e escola
Ninguém quer viver de esmola
Sem destino, direção ou plano
Votei num bicho do mar
Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

A violência crescente
Com o aumento do desemprego
Deixa o povo com medo
Arrependido e descrente
Dizendo entrei pelo cano
Votei num bicho do mar

Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

O Brasil tem superávit primário
Paga juros da dívida em dia
O ministro com alegria
Manda para o FMI nosso erário
Vendendo ao povo ledo engano
Votei num bicho do mar
Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

A cobrança aos aposentados
Foi um golpe articulado
Para a arrecadação aumentar
A cara do PT mostrar
E carimbar meu engano
Votei num bicho do mar
Que agora só quer voar
Que nem o velho tucano

Será que LULA vai acordar
E do povo valorizar
O voto e a confiança ?
Será que ainda temos esperança
De ver o Brasil Melhor ?
Será que as crianças cheira-cola
Vão ter direito a escola
Vão ter destino e opção
De construir um futuro
De sair do lado escuro
Da noite da exclusão.

ÁGUA

És mulher
Banhando a Terra
Em fartas ondas
De todos os mares
Em chuva fina
Lavando os ares
Em música serena
De cachoeiras amenas
Ou de loucas corredeiras

És mulher
Leveza de gota de orvalho
Na pétala pálida e incauta
Que a brisa mais leve abala

És mulher
Luz de arco-iris
Neblina na madrugada
Pó de estrelas e estrada

És vida
Brotando nova
Semente a germinar

És paz
Noite de lua
Mulher, és perfeita
Perfeita és nua
Nua és leve
Leve estás no ar
Água da serra ao mar.

AMIGO

Se é pra rir
Encontro em ti
A solução
Se é pra chorar
Tenho teu ombro
E um coração
Que de tão grande
É caminhão
Pro meu caminho
De ilusão
Pra festejar
Melhor não há
Pra dividir
Pra multiplicar
Ou só pra estar
Pra fazer poesia
Misturar música
E alegria
Pra fazer caricatura
Lembra de LULA?
Cara de sapo!
Ou furar pedra
Ao pino do meio dia

Pra quando se quer
Alguém pra ouvir
Ou pra curtir
Um silêncio
Sepulcral
Tomando uma boa
De qualquer marca
À toa
Em qualquer lugar
Neste dia amigo
Rara pedra
Do meu caminho
Te desejo luz
A paz que conduz
E te empresto
Muito carinho
Que o amor seja
Feito cerveja
Em copo cheio
Transbordando
Inundando
Nunca demais
Sempre sobrando

AMOR

Amor, ventura, arte e engenho
Moenda a girar com tal empenho
Que as fibras do coração vazio
Movem, levando incêndio ao frio

Amor, desvelos em sentimentos
Luz no olhar em fugaz momento
Brisa que leve sopra e logo passa
Caminhar ao orvalhar que embaça

Paz que inquieta, plena agonia
Força que aniquila, melancolia
Brilho que ofusca e brota alegria

Vai como chegou, lépido e rompante
Deixando triste o que se fez amante
Na esperança de tê-lo mais um dia

ANÚNCIO PARA SOLEDADE

(Ao Prof. Bley e seu livro Soledade)

Não é possível falar de poesia sem poesia
Não se pode discorrer sobre a vida sem viver
Amar é imprescindível, mesmo que seja para sofrer.
A magia da vida, na minha crença, das vidas;
Faz, lapida o homem, pedra bruta, constrói o ser.

Caro Bley, meu professor de raro ânimo.
Um arquiteto sóbrio das palavras,
Mesmo as mais complicadas da Geologia.
Mestre dos modelos *fixistas* e móveis.
Geólogo por amor, homem por paixão.
Foste, és e serás caminho na ciência da terra.
Ès, contudo, homem nascido na suíça paraibana,
Mais do que homem, és poeta no sentido e na razão.
Artesão de construções raras,
Em forma de homenagens, reflexões... vida

Em Soledade, o geólogo-poeta se expõe “*inside out*” com vigor,
Para cantar a vida que escorre breve
Aos ventos de vários matizes e sabores.

Soledade, a cidade...
Barreira de pedras e tempo
Soledade, a busca...
Descaminhos, encontros, desencontros, desalentos;
Vida que escorre por destino
Fazendo o homem voltar e ser menino.
Água em riacho intermitente
Cedendo à areia (aluvião) lugar
Todavia, com a certeza e a magia
De que, na próxima chuva, vai voltar.

Soledade, retrato e história.
Canto geral da vida e glória,
Ao sabor dos ventos imateriais da Geologia
À brisa das paixões que alisam e machucam
Ao som dos ecos do passado tafrogênico
De uma Borborema inquieta e sofrida
Todavia, plena de gozos ... granitos
No céu que à terra ruiu.
Na Soledade, o homem se despe,
O seu lado recôndito aflora
Que nem granito ou basalto ao meio dia.

Das vertentes, veredas da vida,
Surge o sertão com espinhos
Mas, também, com a sabedoria de umbuzeiros,
Que desfolham, tornando-se bonsais da seca;
Para ressurgir das cinzas que nem Fênix
Com a lágrima em fruto... cura e paz

Soledade, mais uma vez o poeta grita.
Solta seu canto límpido e claro
Rasgando caatingas que a vida fez crescer
Cortando os ares, a florando, vivendo...
Parabéns Bley, e obrigado pela oportunidade
De viver Soledade, sem ser solidão;
De desfrutar da poesia, na doce viagem da comunhão.

PEDRA FURADA

Uma pedra em arco
Janela ao sol poente
Arco-íris em granito
No sertão ardente

A natureza em equilíbrio
Marcando o tempo
Que escoa lento
Esculpindo a vida

Uma pedra em arco
Qual soberbo marco
Aguarda a vitória
De um povo que chora

Um arco de pedra
Quase solto...um granito
Símbolo de um povo aflito
Que acredita e espera

Um arco que flutua
Barcarola de ilusão
Janela de ver a lua
Nas noites do sertão.

ARVOREDO

Juazeiro
Verde inteiro
No sertão
Árido chão
Cravado na pedra
Meu sim
Meu não

Umbuzeiro
Verde derradeiro
Sopro de vida no pó
Bonsai de ilusão
Bondoso guardião
De frutas e sombras
Das sobras da vida
Da esperança perdida
Germinar

Mandacaru
Verde constante
Espinhos cortantes
Se entrega ao céu
Em cor e louvor
Ao sol
Ao sal
Ao suor
Que brota dos olhos
De um povo que não chora
Implora
Derretendo ao sol

(Poesia musicada por Isnaldo Francisco da Silva Junior)

BEIJO

(Maria e os Marianos)

Da boca de Maria
Guardo o sabor
De uma noite de calor
No quase sertão do juá
Minha terra de menino
Foi rápido, desatino
Moleque como era o tempo
Que passava entre sapatos
E as pernas grossas da mulata
Da brejeira figura
Rechonchuda, quase sem cintura
Que matreira e serena
Trazia a merenda do velho
Um comunista de rara coragem
E tanto amor que às vezes chorava
Ah! O tempo é pássaro em arribação
Não consegue fincar-se em um chão
E parte e voa, por voar, à toa
Éramos felizes na divisão
Em uma noite, Maria quente
Servia alegre entre os dentes
Seu corpo com emoção
E se repartia contente
Entre dois cabras descrentes
Ardentes, mas carentes de ilusão
Esse tempo vive na saudade
Hoje, a vida escorre em cidades

Tão grandes, que dá preguiça
De andar bebendo o sol
Mesmo que seja a conselho
De um médico pentelho
-É pra baixar o colesterol!

BRASILIS

O Brasil Colorido
Predeu nossa poupança
(Raimunda que o diga)
Ficamos na esperança
Que algo iria melhorar
E até aceitamos
Nosso dinheiro congelar
Depois descobrimos a quadrilha
Que no país ousou desmandar

O Brasil Tucano
Plantou enganos
Cinco dedos, oito anos...
Promessas nunca cumpridas
Falcatuas amplas, irrestritas
A dívida externa crescendo a mil
Juros altos, salários congelados
O social sempre deixado de lado
Coitado do nosso Brasil !

Surge no ar a Esperança
O Brasil faz nova aliança
Com o Partido Trabalhador
Que era contra juros altos
Contra taxaço de aposentados
Esses companheiros coitados
Que já pagaram seu quinhão
Mas... em tão pouco tempo
O sonho virou desalento
E o povo assiste o PT
Discursando pra inglês ver
Embora sem dominar a língua
E o Brasil continua à mingua
Com um rumo torto e só
Feito canto da perua
Que é pió,pió,pió....

CALANGO DO SIGA

Eu vou fazer um calango
Que é um bicho bem ligeiro
Prendi com meu fio mineiro
Que é veloz que nem trem
Comigo não tem pesar
Eu não mexo com ninguém
Por favor não me persiga
Esse é o calango do SIGA
Que nós vamos aqui cantar

Calango tango,
Calango que investiga
Vamos lá cantar o SIGA
Que é ruim de funcionar

O bicho processa e para
E não para de processar
Vai e volta toda hora
Chegando ao mesmo lugar

Só fica esperto e ligeiro
Na hora de desligar
Dizendo rápido e matreiro
Que pra sua felicidade
E total comodidade
Ele vai sair do ar

O bicho trava que nem caju azedo
Faz raiva e mete medo
Só não faz é funcionar

Calango tango, calango que investiga
Quem puder que me persiga
Esse é o calango do SIGA
Que *nois* vem aqui *cantá*.

(SIGA – sistema on-line da UFPE para cursos de graduação)

CARCARÁ & GAVIÃO

No vôo do carcará
Me perdi quase a chorar
Lembrando da leveza
Da derradeira beleza
Que há na luz do teu olhar

No vôo do gavião
Peneirando no sertão
Te encontrei no salão
E, hoje, trago teu perfume
Sem tristezas, sem queixumes
Nas dobras da ilusão
O teu suor de fulô
Guardo no lenço do amor
Nas noites plenas, calor
No fogo cego da paixão

No vôo do carcará
Me perdi quase a chorar
Lembrando da leveza
Da derradeira beleza
Que há na luz do teu olhar

Vem voar na fantasia
De uma noite de alegria
Nos festejos de São João
E bailar com maestria
Esse gostoso baião

CATADOR DE LIXO

Uma gota d'água no sertão
Um pingo de chuva no mar
Uma noite plena sem luar
Uma vida perdida em ilusão

Um olhar vazio no horizonte
Do deserto, do descaso
As rugas em tua velha frente
Os teus caminhos perdidos ao acaso

Embalas uma carroça, com força bruta
Pelas ruas e vielas apressadas
Pelos carros que passam em disparada
Como estandarte, como símbolo de luta

És o povo e és só
Perdido na imensa solidão
Seguindo teu destino...pó
Sem auxílio, sem opção

Tu és a solidão das ruas
Das casas enfileiradas e nuas
Que acompanham teu desfilar
Em que porto será teu lugar?

Quando te vejo passar
Visto a tua solidão distante
E, triste, em breve instante
Me sinto animal, sem lugar

Todavia passas em procissão
Como orvalho banhando a rua
E tua sombra à luz da lua
Te acompanha em solidão

Vives sem ser notado
E em tua perfeita solidão
Estas sempre acompanhado
Da esperança por solução
Até quando Brasil!

(Poesia musicada por Isnaldo Francisco da Silva Junior)

CIDADE AZUL

No meu Recife tem
Maracatu, frevo e baião
Tem morena bonita
Que nos enche de ilusão
De numa noite quente
Ganharmos seu coração

Recife é luz
Cidade azul, beijando o mar
Recife é feita para quem sabe amar

No frevo rasgado
No compasso no calor
Quero te encontrar
Quero ganhar o teu amor

Numa ciranda imaginária
Quero ser um cirandeiro
Pra cantar meu bem querer
E no balanço segurando a tua mão
Sonhar, voar, viver, , o nosso amor canção

(Poesia musicada por Paulo Barros – Mufula CD-Equilíbrio Inexato)

COLHEITA

Foi colher milho
Que havia plantado raso
O trabalhador escravo
Voltava a Terra sem saber
Que a rasa cova
Do milho verde
Seria sua ao amanhecer

Vendo o verde-louro da espiga
Que aos raios de sol se entregava
Alçou a mão na ilusão
De alcançá-la, já não dava
O peito agora em chamas
Ferido pelo chumbo ardente
Anunciava friamente
Que a colheita era finda
E a espiga mais bela ainda
Distante, madura e altaneira
Tremulava ao sol qual bandeira
Como a festejar o torto destino
De mais um “da Silva” em desatino
Que no Brasil sem saber
Partiu na ilusão de sobreviver

(Poesia musicada por Paulo Barros Correia “Mufula” CD Equilíbrio Inexato)

DE VIDAS E ALEGRIAS

Quando me entrego à alegria
Trago teu sorrir na mão
Tua boca colada à minha
Em sonora melodia
Do amor feito canção

Aberto à alegria
Me entrego aos sentimentos
E consigo sentir o vento
Trazendo o teu perfume
Aplacando meus queixumes
Raiando luz no meu dia

Quando bebo da alegria
Teu sorriso matinal
Afugento todo mal
Esqueço as dores da vida
Não me lembro de partidas
Só de regressos tão caros
De luz, beleza em cor
Mergulho, iluminadamente cego
Na leveza do teu amor

Sereno com a alegria
Vejo raiar mais um dia
Ao sabor do teu calor
E pequeno feito orvalho
Desfruto o presente raro
Da fonte do teu amor

No viver que é alegria
Em matérias distintas
No mesclar de velhas tintas
Ao sabor de novos aís
Sigo seguro em tua mão
Na viagem sem ilusão
No caminho pra ser mais

DOCE MAR

Quando chove no Recife
O Capibaribe toma o seu lugar
E a musa do verão
A cidade do frevo canção
Se transforma em doce mar.
Só se consegue navegar.
Navegamos na falta de cooperação
De quase toda população
Que ao lixo não dá
O seu devido lugar
E espalha seus rejeitos
A esmo, de qualquer jeito
Sem atinar um instante
Que esta sendo um meliante
Investindo na sua punição.
Quando as águas sobem
Não têm outra opção
Que invadir casas de cidadãos
Os mesmos que colocaram lixo no chão
Nas ruas, nas calhas, nos canais
Depois em lágrimas e ais
Choram as perdas materiais
Às vezes, até muito mais
Vai-se um ente querido
Pelo rio voraz engolido
Esse, é certo, não volta mais!
Nossa parcela de culpa é clara
Somos milhões a sujar a cidade
E quase todos já têm idade
E já viram o rio virar mar
E a água que salva
Por não ter por onde escoar
Perder a sua cor alva
Invadir sem tréguas as casas
E até mesmo matar.

DORMES

E dormes em meu leito
À mostra, isósceles perfeito
Oferta nua que invade o ar
Em fragrâncias e brumas

Velejo sereno em teu mar
No marulhar, alvas espumas
E mergulho cego em tuas dunas
Longitudinais, esguias, unas

A carne se faz amor
Na chama branda da lua
O amor se faz destino

E matreiro, qual menino
Rouba a prata furtiva da rua
E da tua boca o sabor

ERA UMA VEZ... NATAL

Na rua, teu olhar de lua
Fica perdido na noite escura
Banhada por raios artificiais.
Tua figura só perdura
Até a próxima curva
Quando a vista turva
Na estrada da vida
Que passa despercebida
Por tua existência e insistência
Esquece dos teus ais.
A rua continua tua casa!
A vida persiste escassa
De sonhos e oportunidades
Passas, simplesmente passas...
Malabaristas de fogo e de flores
Perdidos entre ilusões e dissabores
Todavia, é natal em cores
Música, luzes, odores...

Eu que também passo
Na vida enquanto carne
Sinto que o coração arde
Perante o teu desfilar
Entre carros, entre ruas
Inúmeras almas nuas
Perdidas filhas da lua
Como radiante cometa
Riscando o céu do planeta
Um pensamento cinge o ar
Quando o Brasil vai mudar?

ESPINHO & FLOR

Ainda cedo para o adeus
Quero viver nos braços teus
As eternas horas da partida
A vida quero repartida
Em momentos ternos de amor
Do teu corpo sentir o calor
Até que a chama seja extinta
E enquanto vida sinta
De qualquer forma ou sabor
Quero vivê-la intensamente
Na fonte ardente
Do teu sabor
Eterno orvalho
Carente de abrigo
Quero seguir contigo
Seja aonde for
Vivendo sempre
De forma ardente
Todas as nuances do amor

Espinho em teu caminho
Serei e sei que sou
Mas é no espinho
Que se encontra a resposta da flor
A tudo que causa dissabor
Sem ferir tão frágeis pétalas existe
E sempre em riste insiste
Em ser teu defensor
Porque espinho em seu caminho
É indispensável parte
Da beleza expressa na arte
Do criador
Busco o teu sorriso no caminho
Enquanto espinho
Amando flor

EXISTIR

O que eu gosto
É do teu gosto
E ficar no meu posto
Te vendo passar nua
Gosto de te imaginar rua
E percorrer teus caminhos
Nas esquinas do teu corpo
Gosto de fazer de morto
Para renascer no teu beijo
Gosto de beber o teu desejo
De te encontrar sempre nova
Gosto, ébrio, de cada prova
Do teu sabor de mulher-Rosa
Da tua pele morena
Da tua boca serena
Do teu orvalho de beijo
Do teu calor, teu sabor
Gosto, sem medo de partir
Do teu corpo ao meu lado
De dormir colado
Acordar iluminado
Nesse fugaz existir.

FELIZ CIDADE

Recife mulher ao sol
Encontros de rio e mar
Cirandas cortando o ar
Inundando a vida plena
Feliz cidade morena
Estrada e caminhar

Quero, almejo e espero
Ver brilhando ao sol
Teus filhos em sol maior
Celebrando a vida em luz
No ritmo quente que conduz
O corpo a eterno bailar

Quero ser rio a meandar
Na tua planície...curvas
Te quero mulher à chuva
Também ao sol escaldante
Viver em ti cada instante
Que a vida possa emprestar

Recife da alegria
Das noites de carnaval
Do frevo pleno em calor
Na rua do Imperador
Que o Bom Jesus nos assista
Em uma magia real
E transforme em realidade
O sonho de uma cidade
A igualdade social

FURTIVA

Com o olhar perdido
Perscrutando o infinito
O vulto escuro hirto
Surgiu do meio do vagão
O seu silêncio era não
E não notei sua visada
Seu bote certo e a arte
Da ligeira carteirada
Fiquei atônito, imóvel
Só pode ter sido praga
Ou reza de encantar
E nesses instantes de torpor
Só recobrei meu valor
Pra valor nenhum encontrar
Foi rápido e doloroso
Não pelo valor material
Mas pela inércia mortal
Que me acometeu o momento
Depois só lamentos vão
O erro certo
O golpe matreiro
O desencontro, a distração
A praga presa virou prece
E roguei aos céus
Encoberto por véus
O perdão para os meus erros
E para a vida errante do ladrão
Que a juventude disfarça
Na máscara, na farça
Da cidade grande a desgraça
A vida sem prumo, sem opção

GEOLÓGICAS I

A moça cruzou as pernas aflita
Foi rápida precisa e descuidada
Mostrou de relance a calcita
Mas não satisfez a minha mirada
Que buscava por um sulfeto
Guardado em inominável segredo
Aguardei com calma
E esperanças na alma
Outro movimento mais incauto
Que permitisse ao velho arauto
Ver de soslaio ou numa visada bendita
A tão desejada piritita.

D. IGNEZ DE IDADE NOVA

(Para Ignez Guimarães)

D. Ignez fez cinquenta
Mas algo paira no ar
Será a idade da Loba?
Será que o Deja vai agüentar?
Ele ainda não chegou lá
Mas já remendou o joelho
E preocupado ao espelho
Diz os cabelos não pintar
D. Ignez sempre formosa
Mantém a pose de rosa
E deixa o tempo passar
Quando sorri é bonita
Zangada não tem igual
Veio lá das Paraíbas
E já quebrou muito pau
Claro, que estou falando
No sentido literal
Paraibana das raras
Chegou no Imperial College de Pau de arara
Até aprendeu inglês
Mas o sotaque de D. Ignez
É nordestino sem igual
Das brenhas da Paraíba
Bota a voz sempre pru riba
Mas não faz isso por mal
Apelida todo mundo
Zangado, preguiça e tal
Xinga, diz que se aposenta
Às vezes empina a venta
Diz que não vai mais ensinar
Mas não resiste ao aluno
Que chega pra importunar
E lá vai ela ensinando
Petrologia de granito A
A de tudo que é razão
Ambíguo, abilolado
Abestado, atraso
Êta granito danado!
Anorogênico e brigão
Mas o maior A meu irmão
Te digo, sem ilusão
É a nota da professora
Essa querida doutora
Com amor no coração

INSTANTES

Distantes, esparsos, constantes
Segundos que, eternos, passam
Instantes...
Teus olhos perdidos, dentro dos meus.
Miragem de te ver passar,
Embriagante, linda e nua,
Desfilando em leveza, branca lua.
Abstratos, distantes, momentos
Brisas que deslizam a esmo,
Pelo teu corpo, roubando teu perfume
Impregnando meu ser com o teu cheiro
Fêmea no cio.
Instantes
O riso, sorriso, quando solto
Embala, acalenta e acalma
Acende o fogo, que a mão em busca
Tenta, atenta e encontra
Ficando na palma
O sopro da alma
A luz de um olhar
Que escorreu por olhos fechados
E morreu em um grito rasgado
Instante
O Nirvana... te amar

LIDA

Na lida
Da vida
A flor
Me encanta
E canta
A poesia
Que escorre
Em alegria
Tonta e tanta
Que a saudade
Na sua ácida maldade
Me faz lembrar
De um riso preciso
Que nasce indeciso
E mora no teu olhar

LIMEIRIANAS

(Imitação da arte de Zé Limeira - Poeta do Absurdo)

Quando vim de Juazeiro
Cheguei ao Recife armado
Uma muié do meu lado
Quase morreu de alegria
Dizendo valei-me, vigem Maria
Esse cabra é contente
Trouxe fartura pra gente
Ainda tamo em agosto
A safra nem começou
Mas essa cabra já chegou
Todo saudável e disposto

Descendo da viatura
Que era um jumento de lote
Dei um cheiro no cangote
De uma moça faceira
Fomos juntos lá pra feira
Comprar logo um hotel
Tomamos chá de jalapa
Bebemos um gole de fel
Eu pensei que era o inferno
Mas acordei já de terno
Nas doces bramuras do céu

No mercado de São José
Comprei um quilo de colher
Pra adoçar minha vida
Beijei moça e rapariga
Numa esfregação de arte
Fiz trela por toda parte
Atravessei tanta ponte
Fiz uma guerra num monte
Onde hoje desce avião
E conheci um caboclo
Com o falar manso e rouco
Que o povo chamava cão

Já cansado do Recife
Que não é cidade Natal
Pois Natal é mais pro norte
Ou mesmo no fim do ano
Deixei todos meus enganós
Numa maleta na feira

Comprei uma geladeira
Para guardar rapadura preta

Um cabra tava com maleita
Tremendo da febre escura
Quase não tinha cintura
Era fino feito cipó
E gemia de dar dó
Se espremia num canto
Dos olhos rolavam prantos
Que inundaram um riacho
O sujeito metido a macho
Tinha cara de sofredor
Gemia de causar dó
Fez um tolete tão duro
Que o dia ficou escuro
E o bicho ficou seguro
Sem sair do fiofó

Peguei o metrô local
Fui parar em Caruaru
Bicho que pula é cururu
Sapato só presta bota
Cana boa é piojota
Cachaça só da amarela
Muié feia e banguela
Desse mundo é cancela
Fritura só em panela
Sopa boa só de pedra
E arroz que é bom não quebra

Deixo um abraço a Raimundo
Cabra cumprido e valente
Tiradô de coco sem vara
Traz alegria na cara
Estampada num sorriso
Já fez prova pra tenente
Com raiva trinca os dentes
Enfrenta toda a nação
Ta hoje na mestria
Dá risada de alegria
E faz administração

Nas terras de Caruaru
Fui ainda em Cupira
Lá tem caboclo que tira
Gitiranas e ziquiziras

Serenatas de violão
Os cabra viram no cão
Tocando de oi fechado
E a garrafa do lado
Prestem grande atenção
Saem versos com emoção
Das histórias do sertão

Mufula toca cu'a mão
Cu'a outra toma o mé
É tarado por muié
Que tem as batata grossa
É caboclo cheio de bossa
Já fez buraco em granito
Diz que nunca fica aflito
Toca e canta com arte
Faz arte por toda parte
Até já voto em Lula
Diz que canguru só pula
Lá nas terras da Austrália
Já tomo chá de navalha
Bebendo de um gole só
Diz que cabra analfabeto
Só consegue escrever certo
Quando no chão faz um o

De Caruaru voltei triste
O trem pra lá não existe
Só tem mesmo é lotação
Me zanguiei sentei a mão
No toutiço de um galego
O cabra teve tanto medo
Que o retrato caiu
Valei-me Gilberto Gil
Ministro de viola em riste
Nunca vi um galo triste
Nem porco que num fosse sério
Já morei num cemitério
E acordava com as almas
E nesse tempo de calma
Estudei tanta Geologia
Que fiquei sabido e assaz
Hoje não estudo mais
Esqueci o que não sabia
Me arretei por engano
Lacei o continente Africano
E até o final do ano

Trago o bicho de volta
Acabando com o mar
Desfazendo o que a tectônica
Inventou de inventar

Juntando Brasil-Africa
Lula vai se acalmar
Talvez fique por aqui
Talvez torne a viajar
Nunca vi bicho do mar
Gostar tanto de avião
Lula viaja feito S. João
No tempo que era gerente
E gritava com tanta gente
Que o céu escurecia
Valei-me virgem Maria
Que agora estou descrente
Pois votei num presidente
Que não para no Brasil
Ora puta-que-pariu
Ele foi eleito pra quê
Só faz viajar e come
Ta gordo feito um major
Mas deixa o Brasil de lado
E sai voado danado
Num avião luzidio
De novo me arrepio
E estremeço de raiva
Por que se bom num tava
Agora é que lascou tudo
Esse sujeito barbudo
Só quer viver passeando
Na próxima eu não me engano
Vou ser um bom eleitor
Só vou vota de tamanco
E pra não perder o voto
Agora só voto em branco.

MADRI

De repente uma explosão
Sem sentido, sem motivo, sem razão
Ecoou no espaço, no vagão
E tudo sem compasso foi solidão
A vida partiu com o estampido
Vozes dilaceravam ouvidos
Gritos surgiam perdidos
Angustia de partir sem saber
A dor de não mais viver
O trem do trabalho, da lida
Foi túmulo carregando a vida
O calor o pavor e a imensa dor
Banhavam todos de horror
O homem destrói o homem
Obra maior do criador
O homem animal insano mata
E não se farta! E nunca basta!

MARIA E O TERREMOTO

Maria morena faceira
Veio da África do Sul
Pérola negra derradeira
Estrela maior no céu azul
Veio fazer pós-doutorado
Com um professor tarimbado
Nos tremores sonoros de Caruaru
Andando pela feira
A mestiça feiticeira
Comeu feijão com angu
Mão de vaca, sarapatel
E uma feijoada completa
Depois comprou um chapéu
E foi pro campo como atleta
Na subida da serra do caju
Fez um esforço medonho
Que a veia do pescoço ficou azul
Chegando perto de Antônio
A negra estrela do sul
Já com o cenho cerrado
Disfarçou, olhou pro lado
E deu um peido tão danado
Que o professor assustado
Assistiu a terra tremer
E o sismógrafo padecer
Para registrar o evento
Viu a carreira de um jumento
E urubus voado alto
Encobrindo o céu azul
O grande pesquisador
Com orgulho por ser doutor
Até hoje não sabe
Como um estrondo daquele cabe
Guardado dentro de um ...

NÃO

Só por ser não
O não é em vão
Mas se torna são
Quando representa ação
Pelo direito do cidadão
De ter o destino em suas mãos
Pelo dever do Estado
De não se fazer de mudo, calado
E enfrentar com veemência
A desenfreada violência
Não! Não pelo direito de matar
Não! Não pelo poder de se armar
Não! Pelo direito de optar
E como já aconteceu
No seu caminho e no meu
Pelo direito de errar
Mas, para evitar
Que mais um direito
Torto, roto ou perfeito
Seja usurpado
Seja cortado
Não! Pelo direito de ser
E não somente pelo poder
Não! Por afirmativa ação
De poder escolher
Um caminho qualquer
E forçar a nação
A tomar o rumo
Do combate ao crime
Dando às nossas crianças prumo
Da boa educação
Por tudo isso, Não!
Enquanto a educação
Não for prioridade e ação
Não vai ser a arma
Que vai mudar o carma
Das crianças sem opção.

NAS RUAS DO RECIFE

Na rua da Guia
Minha sorte e alegria
Foi te encontrar linda
Na Bom Jesus ainda
O teu sorriso iluminava
A noite do Recife antigo
Das ruas estreitas abrigo
Para o amor sem Hora
Depois, na rua da Aurora
Te carreguei em meus braços
E em beijos longos, colados
Fui rio meandrando ao teu lado
Na prata furtiva da lua
Em crescente amor maior
Cruzamos a rua do Sol
Para brindar a manhã
Inaugurando a vida Nova
Celebrando renovado amor
Passeamos juntos na Rua do Imperador

O CORAÇÃO E O TEMPO

O coração às vezes vacila
Às nuances da vida severina
E se fecha qual pupila
À luz plena do dia
A sombra de alegria
Que sobra em um sorriso
Não parece ser preciso
Para a vida alegrar
E o céu da existência
Fica mesclado de nuvens
Prontas a desabar
Mas como tudo passa
E o tempo cura de fato
Esse momento chato
Decerto há de passar
E a chuva que dele brotar
Pode a vida irrigar
E o mar dos olhos vermelhos
Será, então, dois espelhos
Que anseiam por brilhar.
O tempo, mago eterno
No seu luzente terno
Cor de futuro incerto
Nos mostra de longe ou perto
Que a vida é só passagem
É brisa, doce aragem
Soprando aos quatro cantos
Enxugando inúmeros prantos
Que teimam em rolar
O tempo traz o sertão
A caatinga cinzenta
Mostrando que a vida é lenta
E que o remédio é esperar

O DOMÍNIO DO HOMEM

O sertão esta crescendo em aspereza
Restando a triste certeza
Que o bicho homem abusa
Dos recursos da natureza

Árvores são arrancadas
Deixando o árido chão
Exposto ao sol e ao vento
Sem esperança ou alento
De promover a germinação

O homem na ilusão
Do poder da tecnologia
Fica com a alma fria
Desmata, destrói em vão
Vive o imediatismo
Promove o vandalismo
Não busca a conciliação
Do progresso com a natureza
Da velocidade com a beleza
De uma planta em brotação

O domínio do homem
É um segundo no tempo
E como geólogo atento
Não posso me furtar
De gritar que a humana nação
Pode esta, hoje, semeando
A sua própria extinção.

PAI

(Para João Mariano)

Porto seguro
Onde ancore meus segredos
Ombro amigo
Onde choro e riu, sem medos
Mostraste caminhos
Com a luz fraca do teu olhar
Foste duro, suave, carinhos
Em todas as nuances do ensinar
Um mestre da vida e do sereno
Navegava teu corpo pequeno
Com esmero de quem sabia aonde chegar
Pai, palavra que ecoa em minha alma
E como é forte; e como acalma
Hoje, trilhas novos horizontes
Bebes sabedoria em outras fontes
Com um corpo mais ágil e veloz
Mas, ai de mim... ai de nós
Sem tua presença
Em inspiração, exemplo e luz
Ensinando com palavras simples
Com voz forte e constante tom
A lição que ficou guardada
E de nossa vida foi marca e estrada
O teu freqüente “Seja bom”

PANEGYRICO

Discurso Panegórico proferido na posse do diretor do CTG
Prof. Edmilson Santos de Lima, em 04 Junho de 2004.

Sinto-me um encomiasta
Diante de tão seleta casta
Nesta incumbência laudatória
E ao Panegórico dando início
Vou mostrar desde o principio
Do Prof. Edmilson a trajetória

Começo com a filiação
Pois sem esta não haveria razão
De estarmos aqui, nesta ocasião
Edmilson Santos de Lima
Filho de Manoel Maximiano de Lima
D. Maria Santos de Lima
É natural de Natal
A noiva do sol, cidade luz sem igual.
Chegou em Recife menino
Para mudar seu destino
Na cidade azul, beijando o mar
Este fato deu-se em 73
Ano em prestou vestibular
Dando início de uma vez
Com juventude e euforia
A sua carreira em Geologia.
Na mineração SAMA de Amianto estagiou
E rapidamente vislumbrou
O mundo raro que o envolvia.
A compreensão dos fenômenos naturais
Das relações entre rochas e seus minerais
Dos mistérios de uma profissão nova
Que constantemente se renova
Alicerçaram a certeza da escolha correta
Sim, Geologia era de fato sua meta.
Trabalhou com afincos e dedicação
E em 77, com o sabor de quem cumpre uma missão
Galgou o primeiro degrau, a graduação.

A saga Geológica assim principia
E acredito que ele sequer concebia
Os inumeráveis caminhos que o destino
Este traquinas menino

À sua frente colocaria

Em 78 no mestrado ingressou,
Tendo o professor Beurlen como orientador,
E como tema da dissertação
A melhor compreensão
Da Jazida Scheelitífera de Bonfim,
Em Lages, Rio Grande do Norte, lá nos confins
Em 79, junto ao DGEO, abraçou
A missão de ser professor
A qual se dedica com rara eficiência e amor

Concluiu o mestrado em 82
Dando início, logo depois
A um sonho maior e mais distante,
Sem hesitar um instante
Em direção ao doutorado rumou
E de Recife para LA voou
Na UCLA (Universidade da Califórnia)
Com Dr. Gary Ernst trabalhou
E com título Ph.D em 86 regressou.

Em 1989 chega a professor Titular
Atingindo o posto mais elevado
Que no magistério poderia chegar
Todavia, a sede do saber o impelia
A novas conquistas ... pós-doutorados
O primeiro na universidade de Pavia
Entre 1991 e 1992, trabalhando com ICP
De 2000 e 2001, sem limites para o saber
Na universidade de Valência
Consolidou seu caminho em nova ciência

Após os pós-doutorados
Deixou a Petrologia de lado
Para ingressar com ímpeto sem igual
Nos caminhos da Geologia Ambiental,
Enfrentando este novo desafio
Com coragem, força de vontade e brio.
No entanto, mais recentemente
De forma corajosa, limpa e decente
Outro desafio enfrentou
Tornando-se do CTG o primeiro Geólogo-diretor.

Ao longo dos anos foram dez os orientados

De mestrado e um de doutorado
Amigos conquistados,
Com dedicação e apreço
Qualidades raras que não têm preço
Os trabalhos científicos publicados
Somam duas dezenas, registrados
Em periódicos nacionais e internacionais indexados
E mais de sete dezenas em eventos
Pelo Brasil e exterior espalhados
Tendo também contribuído com excelência
Para Iniciação de 16 alunos à Ciência

A geologia brindou Edmilson de várias formas
Desde um conhecimento maior do planeta
Das suas constantes mudanças e dinamismo
Até o amor, esse sentimento, muitas vezes tão impreciso
Foi nos corredores do DGEO que olhares geológicos
Se trocaram de soslaio, em miradas de muitos matizes
Na busca de horizontes, na formação de raízes
Surge Ana, da Geologia para o coração
Da fantasia para a realização
Do sonho de horizonte
Para um amor sólido, constante
Consustanciado com desvelos e cuidados
Que não deixam dever a nenhum
Nos idos de 1981.
Em 1989 a semente do amor plantada
Dava início a nova estrada,... ser pai
Em 90 Jéssica marca sua vida com luz
Em 93, mais uma vez, a luz se fez
Na vida do professor
Com a chegada de Maitê, mais um fruto do amor.
Findo aqui com emoção
Este ensaio sobre a vida
Mas ressaltado de partida
Que muito ficou por dizer
Peço perdão de antemão
Pelas poucas rimas quebradas
Que acompanham a minha estrada
E edulcoram meu caminhar

Ao prezado amigo Edmilson almejo
Sucesso nesta nova fase na administração
E quero deixar aqui registrados
O meu respeito e admiração
Esperando que juntos, todos que fazem o CTG
Abracem a idéia de somar para crescer

Muita paz, luz e serenidade em todas as situações
Principalmente quando as pressões forem litosféricas
Que a força, a fé e a determinação sejam Homéricas
Que os teus projetos consigas implementar
Acatando de todos os desejos e as aspirações
Que as idéias se consolidem em ações
Neste CTG multidisciplinar

PARABÉNS D. BETH

(Para Beth Gomes)

No trabalho é valorosa
Uma líder sem igual
Na lida dura da vida
No caminho espiritual
O tempo, desculpa vã
Nunca ocupa sua mente
Plena de idéias sãs.
Corre com vagar a vida
Quantas em matéria?
Não se sabe ao certo
Mas logo se vê de perto
A força que ela encerra
Espero que esta não seja
Sua última vez na Terra
Um planeta tão ferido
Por desigualdades sociais
Tão grande e tão pequeno
Carecendo sempre mais
Pessoas com garra e brio
Que enfrentem, calor e frio
Pelo prazer de ser mais
Mais próximas, mais amigas
Mais ajuda, sem intrigas
Pessoas que não tragam consigo
Nenhum recôndito inimigo
Mas a verdadeira e rara fé
Que se esconde na leveza
Desta bonita mulher

PASSAGEM

Em nota suave
Do corpo grave
Foi-se o sopro
O corpo físico
Jaz tísico...morto
A essência se esvai
Em busca da perfeição
Livre do grilhão
Da matéria densa
Mais leve e veloz, pensa
Flutua em breve voitar
Enxerga música no ar
No assobio afinado
Do vento do passado
E vê a luz, o futuro
Livre do temor, da dor, do escuro
É soberano a voar
Energia e força
Força e magia
Da vida, das vidas, passagens
É música, leve brisa, aragem
Harmonia com o criador
O filho do Homem
Cumprir o aprendizado de amor
Retorna ao verbo com alegria
Volta a ser parte da energia
Da luz maior, do criador.

PEDRA BRANCA

Surgiu ao meu lado
Como por encanto
Quase tão rápido
Como do riso preciso
Se faz o lamento, o pranto
Olhava distante um espelho d'água
Como quem quisesse esquecer mágoas
E estavas na mirada oposta
Oferecendo ao sol da tarde
Teu brilho de granito
Como o fazes há milhões de anos
Fiquei perplexo, atônito
Esqueci mágoas e espelhos d'águas
Para mirar teu porte austero
Era quase sertão, não fosse o verde
Que teimava em resistir ao sol
Era quase ilusão, não fosse o monolito
O imenso granito
Em ascensão franca
Ali te batizei como mago
Como se esse direito me fosse dado
-A partir de hoje serás Pedra Branca!
Segui meu destino de pedras
Catando histórias escondidas em cristais
Mas quando fecho os olhos em ais
Te vejo, como na tarde quente
E uma certeza consciente
Me faz te admirar sempre e mais.

PERFUME

Teu perfume puro
Maduro, sereno, maior
È porto seguro
Em dia pleno de sol

Tua pele morena
Da cor do poema
È mistura plena
Da noite com o sol

Teus olhos brilhando
Encantam os meus
Que fogem navegando
Perdidos nos teus

Teu riso de lua
Banha de prata à rua
E tua boca a bailar
È música sem par

Guardo teu perfume
Nas linhas da vida
Sem medo da partida
Sem tristezas ou queixumes

Quero teu cheiro
De flor-mulher, verdadeiro
Livre pairando no ar
Essência do meu respirar

REFORMAR

(Reforma universitário do governo Lula)

Vão reformar
E é capaz
De não me deixarem entrar
Se a casa ficar apertada
Vou dormir na calçada
Na certa não vou entrar

Essa reforma
Que se diz popular
Só vai é privatizar
E com certeza
Nesta nobreza
Não vou poder entrar

Vão reformar
E é capaz
De não me deixarem entrar

Se derem cotas
Minhas pernas tortas
Vão abrir portas?
Ou me impedir de continuar?
Como é que fica
O meu diploma ?
Se nessa soma
Não posso entrar

Vão reformar
E é capaz
De não me deixarem entrar

Se meu dilema
O meu problema
È não poder taxas pagar
Me explique presidente
De forma decente
Como é que eu vou entrar
Neste universo
Que o senhor
Com cara de ator
Quer privatizar
Deixe de lorota
De ironia, de fala macia
Pois a autonomia
È só pra enganar
E nessa festa nobre
Como é que o pobre
Vai estudar.

Vão reformar
E é capaz
De não me deixarem entrar

RETORNO

Ao sol, sedento
Vivo ao relento
Não tenho afeto
Não tenho alento
Já não caminho
Sou ave sem ninho
Rastejo lento
Já estive na terra
Em outra posição
Agora sofro a solidão
De padecer
De perecer
Sem perceber
Nesta nação
Que povo assiste
Ao meu sofrer?
E, ainda, insiste
Em não ver
Que o que sobra
Para fomentar guerras
Pode ser transformado em obra
Para salvar a terra
Eu já não conto
Quase não existo
Mas não sou só
Ao vento, lento ... pó
Somos milhões
Raquíticos ... anões
Esperando a hora da partida
Quando romperemos grilhões
Dando adeus a Severina vida.

SERTÃO

O sertão não é sina
È nossa terra
Lugar onde o sertanejo erra
Nossa alegria/agonia, nossa mina

Severina vai menina
Buscar a água distante
Mas olha por um instante
Um mandacaru florido
Vê a cor do teu vestido
Vê teu sorriso escasso
Piso neste chão descalça
Revelando teu amor
Pela sol que brota vida
E também morte e dor

O sertão não é sentença
É a terra dos meus pais
Onde vou deixar meus ais
De prazer e agonia
Onde vou amar Maria
Na palma verde e luzidia
Nos caminhos da ilusão
Nas veredas mais estreitas
De um contrito coração

O sertão não é desgraça
A seca não é fim
A falta de vontade política
É que nos deixa “susim”
Pois só tem demagogia
De toda cor e bandeira
Mas medidas verdadeiras
Não vemos, chegar não
O sertão não é só seca
É o canto do Sabiá
É o Acuã que anuncia
É a coruja que pia
É fulô de trapiá
O sertão tem solução
E é onde o sertanejo deve ficar
Para não amargar a sina
De uma vida Severina
Nas favelas da capitá.

SIGA ARROMBA UFPE

Na minha Universidade
Inventaram de inventar
Um sistema informatizado
Para tudo solucionar
Matrículas, notas, horários
Históricos e calendários
Tudo “on line” e seguro
Entraríamos na era tecnológica
Sairíamos, enfim, do escuro.
Nas primeiras tentativas
O sistema não funcionou
E a matrícula “on line”
O semestre inteiro durou.
Hoje, já aprimorado
Ainda para e trava pra todo lado
Passa a vida processaaaaando
Deixando o usuário
Esperaaaaaandoooooo
Este sistema singular
Tem um nome que me intriga
Pois se o bicho não anda
Trava em todas as bandas
Por quê chamaram de SIGA??????

(SIGA – sistema on-line da UFPE para cursos de graduação)

SONHOS I

Se sonho, em vida errante
Representar esta passagem vã
Que a minha seja cada instante
Coroadada com tua presença sã

Se a palavra me fugir
Aos lábios em tarde quente
Que busque em tua boca novamente
A seiva mágica do existir

Se tiver que voltar e partir
Que encontre teu carinho, caminho
Nas ermas horas do existir

E na eternidade do espírito
Tenha ao teu lado um ninho
Pleno de amor ... infinito

SONHOS II

Talvez seja de sonhos
Esta existência minha povoada
Quem sabe, andorinhas em revoada
Carreguem padeceres medonhos

Talvez em sonho ou mito
Fizeram assim, errante granito
No sertão, solidão em passagem, aflito
Guardando na voz presa, silente grito

Talvez o sonho acorde breve
Deixando a lembrança acre e leve
Do teu andar embalando o vento

Talvez a vida seja sonho
Mesclada de momentos alegres e tristonhos
No nosso existir, simples momentos

SONHOS III

Sonhei um sonho gostoso
Mesclado de ilusão
Tinha o teu corpo cheiroso
Junto ao meu pelo salão

Teu coração no meu peito
Batia com perfeição
E eu era o eleito
Do teu amor em canção

A sanfona maviosa
Do mestre Luís luzia
E tu estavas maravilhosa
Numa noite que era dia

Acordei sem querer
Querendo o sonho viver
E nunca mais te deixar
E nunca mais te perder

TATUAGEM

Nossa história começa
Quando equilíbrio o meu passo
E livre flutuo no espaço
No compasso do teu balançar

O nosso baião é completo
Em som, suor e emoção
Quando em meu peito inquieto
Bate forte o teu coração

E somos um
E somos dois
E é magia
Na mistura e na alegria
De um baião forrofiar

Nossas pernas em harmonia
Se encontram com calor
Do teu corpo brota a energia
Do vulcão do teu amor

Quero morar na tua pele nua
Como brisa leve, aragem
Beber nos teus olhos o clarão da lua
Ser no teu corpo tatuagem.

TRANSPOSIÇÃO

O povo quer água
Não pra lavar magoas
Não pelo transitório poder
Água doce para beber
O rio quer água só para ser
Para levar seus peixes
Lavar suas margens
Transportar barcos em aragens
Só para ser... rio
O político vê na água
O voto do povo sofrido
E com alma límpida
Como uma latrina
Diz que servir é sua sina
E quer levar água de beber
O povo quer matar a sede
Sede de beber
O político não mata a sede
Sede de poder
A sede segue seu caminho
E o rio assiste a tudo com calma
Lavando e levando inúmeras almas
De peixes e pescadores
De escravos e de senhores
De leigos e de doutores
O rio, o velho Chico
Aguarda sua sina
Já esta velho nanico
Já perdeu mata ciliar
Já vê seu curso em assoreamento
Todavia segue... pachorrento

Mas não almeja a cara feia
Da mulher da foice
Ao seu encalço
Quer doar suas águas
Quer matar a sede e fome
Tem destino e nome
De santo... Francisco
Exemplo de doação
O rio é ação e vai reto ou torto
Vivo, meio morto
Servindo a novos senhores
Palco de novos favores
De sonhos e de poder
Da luta eterna pelo ter
Do imenso abismo do poder
Segue Chico teu caminho
Cuidando com carinho
Dos peixes e dos homens
Levando luz a tantos cegos
Brotando energia e vida
Lavando com magia
Uma infinidade de egos
Segue na tua paz de rio
E leva teu amor nordestino
Aonde o povo deseja
Mesmo que esse desejo seja
O sonho de poder temporal
Que vai passar como tuas águas
Nos vales profundos e estreitos
Nos caminhos tortuosos do teu leito
E na pequenez do planalto central.

A VITÓRIA DA ESPERANÇA

A esperança foi às urnas
Vestida para festa, de vermelho
Saiu feito bicho das furnas
E nem se viu em espelho
Bradou seu grito de guerra
E acreditando em um homem da Terra
O elegeu líder maior
Foi às ruas e praças
Com emoção, prantos e graças
Acreditando em um Brasil melhor
A esperança, mulher e guerreira
Surgiu nova, vermelha, inteira
Venceu o medo
Sem guardar segredos
E acreditando na mudança
Renasceu, se fez nova, para a dança
Mas não aguarda inerte, pachorramente
Quer ser mais, mostrar os dentes
A esperança quer vencer
A realidade crua que viu crescer
Nas nossas ruas, vielas e favelas
A esperança quer participar
De cada momento do governar
De cada ação em prol do cidadão
De cada idéia a germinar
A esperança será a água
Pra matar a sede do povo e da terra
O desejo que cada cidadão encerra
Sem ódios, sem mágoas
No fundo do coração
A esperança será o pão
Para aplacar a fome de cada irmão
A esperança será escola
Pública, gratuita e de qualidade
Para meninos e meninas que se trocam por cola
Nos centros de nossas cidades
A esperança será a força motriz
A vontade de participar de cada cidadão
O destino maior desta imensa nação
A vitória contra o medo de ser feliz

VULCÃO

No marejar dos teus olhos
Naveguei o meu amor
Da fruta madura teu beijo
Provei o doce sabor
Nos teus braços de rios
Me entreguei com paixão
Te amei fera no cio
Na hora da comunhão
Fomos fogo, desmantelo
Carinho, calor e muito zelo
No tempero da paixão
Fomos dois e somos um
Quando o coração faz tum
E teu corpo é um vulcão

CARNAVAL

(Assalto Carnavalesco)

Na alegria
Alegoria
Do carnaval
O meu Recife
Do Capibaribe
Na foto
Esta mal
Em cada esquina
Como rapinas
Se esconde
Nunca se sabe onde
Um marginal

No carnaval
De Felinto
Imortal
A terra do frevo
Plena de trevos
Na foto
Esta mal
Nos becos... guetos
O marginal
O filho bastardo
Seco cardo
Da crise social

No carnaval
Bloco das Flores
Tantos amores
E o Recife...
Vai mal
O rio é esgoto

A rua é assalto
O cidadão
Sem opção
Freva e grita
Pega ladrão!

No carnaval
Quero brincar
Brindar a vida
Mas a cidade tão querida
Na foto
Esta mal
Como pirata
Pulo de lado
Assustado
Um olho no frevo
O outro parado
Esperando o golpe
Que será dado

É carnaval
E a segurança
Do folião
Turista ou nativo cidadão
Vai mal
O Estado falha
E a navalha
Corta a alegria
Destrói a alegoria
O frevo esfria
Quase em agonia.

SÓ SERTÃO

(Ser tão só)

Tenho olhos de ouvir
As palavras do existir
Ouvidos que querem ver
Os sons de todas as cores
Um coração que de amores
Bate e freva, pula e ri
Tenho um sertão em meu peito
E um lugar eleito para fugir
No cinza farto da caatinga.
Lembro o destino de um menino
E seu martelo, eterno elo
Em busca de rochas
Só pra entendê-las
Como o poeta ao ver estrelas
O jovem admirava os cristais
Pulava cercas, invadia quintais
Até hoje o faz
Na busca de cumprir seus ideais
Mediamos lentes de mármore
No passo, muitas vezes, sem compasso
A bússola travava, a agulha emperrava
Mas era urgente medir e seguir
A vida corria rápida
Que nem água das primeiras chuvas
Em leitos de rios secos
Ainda corre e, às vezes, escorre

Os amigos com apelidos
Eram sólidos, ainda são
Os verdadeiros, nunca se vão
Somente mudam de localização
Ficam guardados nas dobras
Não as geológicas; aquelas mais lógicas
Do coração
A Geologia nos ensinou muito
De pedras e de vidas
De esperança pela chuva
Guardada nos olhos do sertão seco
Nas mãos grossas do nordestino
Que resiste e insiste em ficar
Conviver com seca e sol
Quase sempre só
Os meus olhos de escutar
Lembram, quando em vez
Da chuva rápida batendo no cacto
E choram com equilíbrio
Do orvalho no espinho
Brilhando ao sol
Espero, desejo e quero
Que o meu nordeste
De cabras da peste
Deixe de ser só
Para ser Brasil

REINO DAS PEDRAS

Granitos esquisitos
Se deitam na terra
E sobem em serras
Porfíricos
Feridos de negros enclaves
Ou xenólitos retorcidos
Equigranulares
Mesclados de feldspatos estelares
Finos
Raquíuticos, meninos
Mesoproterozóicos
Deformados, foliados, cisalhados
De baixo a alto ângulo cortados
Cariris Velhos... Cariris
Cansados de quase não existir
Tentam não sucumbir
Ao peso de um bilhão de anos
E chegam os Brazilianos
Jovens que são
Mesclados de sonho e ilusão
De comandar as falhas
(zonas de cisalhamento)
Que presunção
Finalmente, enquanto continentes se separam
Surge um fresco e novo granito
E os pulsos não param
Também se instalam riolitos
E, aqui, esta história acabo
Admirando o mar sobre o granito do Cabo.

TRISTEZA

Trago uma tristeza guardada
Na solidão dos meus olhos
Nas dobras de um coração
Que o silêncio encerra
E que de sorrir louco erra
Tentando enganar a sina amara
Tenho uma tristeza da cara
Que se esconde atrás de um sorriso
Que teima em brotar preciso
Evitando dos olhos as águas
Tenho tristeza que é mágoa
Que fere magoa e dói
Aos poucos o interior corroí
Lembrando das inúmeras passagens
Aos olhos as parcas miragens
Das intermináveis viagens
Na trilhar do acertar
E, novamente, o desatino
O erro esse moleque traquino
Volta e vem pra ficar
A tristeza que trago não é nova
Mas ressurge qual Fênix em certos dias
Onde busco na luz alegria
E fica encandeado com o sol
Sego do brilho, sei não estar só
O volto à tona da onda fria
E na vida me entrego em alegria.

PORTO

Trago o sol da caatinga
Sob o chapéu
Na face um véu
Que esconde a tristeza
Na boca um sorriso largo
Que nasce ágil e lépido
Talvez, por ter como semente
Um amor puro e ardente
Como o sol do Sertão
Por um fruto e flor mulher
Futuro e presente bem-me-quer
Trago o sertão e o litoral
E todo o caminho
Guardados em teus carinhos
No meu corpo, porto ... nu.

O CRIADOR E A CRIATURA

E fez-se a luz
O criador vê a criatura
Como uma idéia singela
Lança a mão, e de uma costela
Molda o amor em suas nuances
Em seus inúmeros cuidados
Segredos de mãe... guardados
Carinhos... desvelos... entrega
A luz em forma de ser
A magia do bem querer
O sorriso que embriaga
A voz que acalenta
O olhar que tudo lê
Sem carecer de palavras
A mão que guia os passos incertos
De um fruto que carregou com prazer
Fez-se a obra maior, a mulher
Um amor que se derrama
No planeta de norte a sul
E faz da Terra um lugar mais azul.

GEMA RARA

Gosto de ver
Melhor de ter
Em manhãs ao sol
Ou noites quentes
Banhadas de prata.
O tempo passa
E o amor abrasa
A brasa que arde
Arde e não queima
Que nem videira
E segue constante
Nos caminhos certos
Nos desvios errantes.
Me empresta sorrisos
A cada manhã
Quando o tempo
Esse maestro da vida
Nos dá a folga merecida
Não há aula às oito
Ou hidro ao sol nascente
Bebo esses sorrisos
Com precisão e vagar
De quem quer beber o mar
São meu alimento perfeito
E nem preciso levantar
Bebo-os em pleno leito
Na boca do sorriso
O beijo que preciso
Para continuar a vida
Essa estrada cheia de pedras
Todas raras e queridas
És a minha gema
A esmeralda nunca encontrada
Pelo caçador Fernão
Eu encontrei com o coração
E quero viver-te até a partida
E além dela, em outras vidas.

(Poesia musicada por Paulo Barros Correia “Mufula”)